

**DIZ A VERDADE AO PODER:
VOZES DO OUTRO LADO DA ESCURIDÃO**

Peça de Ariel Dorfman

Traduzida por João Paulo Moreira

da adaptação do livro de Kerry Kennedy *Speak Truth to Power*

ACERCA DA PEÇA

Diz a verdade ao poder: Vozes do outro lado da escuridão é uma peça para dez atores (se possível, cinco homens e cinco mulheres, ainda que também possa, se necessário, ser feita com quatro mulheres e seis homens). Oito atores, quatro homens e quatro mulheres, representam os defensores dos direitos humanos. Os restantes dois (um homem e uma mulher, ou dois homens) representam apóstolos do mal, personificações malévolas e sarcásticas, num primeiro momento, do medo e da repressão, e posteriormente, à medida que a peça se vai desenrolando, da indiferença que é o eterno oposto do amor. Estes opressores deverão apresentar-se vestidos de maneira diferente dos defensores dos direitos humanos, como diferentes devem ser também, no seu caso, os efeitos de iluminação, o gesto e a fala. Devem ter maior mobilidade, permitindo-se-lhes percorrer o palco à vontade, sussurrando, sondando, ameaçando, determinados a desmentir a mensagem dos heróis e heroínas. Essa diferenciação é fundamental para o elemento dramático da peça.

AS LUZES ILUMINAM OS OITO ATORES, QUATRO HOMENS, QUATRO MULHERES, AGRUPADOS DE MANEIRA SIMÉTRICA.

PRIMEIRA VOZ (MASC.)

A coragem começa com uma só voz.

Tão simples como isso.

Fiz o que tinha de fazer.

Uma coisa nós sabemos.

Entra-se no corredor da morte e sabe-se.

AS LUZES ILUMINAM O HOMEM E A MULHER, SITUADOS DE UM DOS LADOS, À PARTE DOS DEFENSORES.

HOMEM

Lá saber, sabem. Não podem dizer que não sabem.

MULHER

Não podem dizer que não se metem nisto de olhos abertos.

PRIMEIRA VOZ (MASC.)

Entra-se no corredor da morte e sabe-se. Sabe-se que esse momento pode ser o último.

SEGUNDA VOZ (FEM.)

Entra-se no corredor da morte...

PRIMEIRA VOZ (MASC.)

... e sabe-se, sabe-se que esse momento pode ser o último.

SEGUNDA VOZ (FEM.)

É certo e sabido.

QUARTA VOZ (FEM.)

Eu sei o que é ficar na escuridão à espera da tortura e o que é ficar na escuridão à espera da verdade. Fiz o que tinha de fazer. Ou isso, ou ia ficar para sempre com um amargo na boca.

MULHER

Não podem dizer que não sabem.

TERCEIRA VOZ (MASC.)

Dizem que em criança eu já me dava muito aos outros. Tinha amigos pigmeus, apesar de na minha terra, o Congo, serem olhados como animais. Dividia o pão com eles, acolhia-os em casa, dava-lhes roupa minha. A sociedade achava um asco eu andar com pigmeus, mas eu via-os como amigos, iguais às outras pessoas.

HOMEM

Guillaume Ngefa Atondoko.

*COM UM GESTO DA MULHER, O NOME (OU A IMAGEM DE)
GUILLAUME NGEFA ATONDOKO SURGE NO ECRÃ.*

Sim. Em criança ele tinha amigos pigmeus. Sim. Claro.

QUINTA VOZ (MASC.)

Durante um mês, condenado à morte, senti muito medo.

*COM UM GESTO DO HOMEM, O NOME (OU A IMAGEM DE)
WEI JINGSHENG SURGE NO ECRÃ.*

Depois pensei para comigo, “Wei Jingsheng, vais morrer de qualquer maneira. Porquê morrer feito alvo da chacota dos nossos inimigos?” Por isso dominei o medo nesse momento de crise, e o momento passou. Quem não estiver disposto a morrer não deve desafiar o regime.

TERCEIRA VOZ (MASC.)

Entra-se no corredor da morte...

PRIMEIRA VOZ (MASC.)

O meu nome é Hafez Abu Seada. Estas cicatrizes na cara são de quando fui atirado de uma janela. Perguntaram-me quem era o responsável pela direção local da Organização Egípcia dos Direitos Humanos. Disse-lhes que era eu. Redigi o relatório, li-o, fiz a revisão e decidi publicá-lo num jornal. É esse o nosso trabalho, apontar o dedo aos erros de quem governa. Se não o fizermos nós, quem então?

HOMEM

Hafez Abu Seada, sim. É esse o trabalho dele.

MULHER

E foi atirado de uma janela. Sim.

SEGUNDA VOZ (FEM.)

Se não o fizermos nós, quem então? O meu nome é Digna Ochoa. Sou freira e advogada. O meu pai foi dirigente sindical em Veracruz, no México. Na fábrica de açúcar onde trabalhava andou nas lutas por água canalizada, estradas, e pelo direito à terra. Depois “desapareceram-no” e torturaram-no – com acusações forjadas. A mim também me “desapareceram”, mantida oito dias em isolamento pela polícia. Nessa altura senti na pele o que o meu pai tinha sentido, o que outros tinham sofrido. O sofrimento alheio sempre me encheu de raiva. Se uma injustiça me não provoca raiva, pode parecer indiferença, passividade. ... Uma vez apresentámos um pedido de *habeas corpus* em nome de um homem que tinha sido “desaparecido” durante vinte dias. As autoridades negaram que o tivessem sob custódia, tal como nos negaram o acesso ao hospital onde sabíamos que o mantinham. Durante uma mudança de turno consegui entrar à socapa. Quando cheguei ao quarto dele respirei fundo, abri a porta com força e pus-me a gritar com os agentes da polícia judiciária federal que lá estavam. Disse-lhes que tinham de sair imediatamente porque eu era a advogada do homem e precisava de falar com ele. Sem saber como reagir, eles saíram. Só tive dois minutos, mas foi o suficiente para ele assinar um papel a provar que estava no hospital. Nisto a polícia voltou. À bruta. Não estavam era à espera que eu me pusesse em pose de ataque – a única posição de karaté que acho que conheço, de ver no cinema. Toda a tremer por dentro, disse que se me pusessem um dedo que fosse iam ver o que lhes acontecia. E eles recuaram, e disseram, “Está a ameaçar-nos.” E eu, “Entendam como quiserem.”

SÉTIMA VOZ (MASC.)

O meu nome é Doan Viet Hoat.

COM UM GESTO DA MULHER, O NOME (OU A IMAGEM DE)

DOAN VIET HOAT SURGE NO ECRÃ.

SÉTIMA VOZ (MASC.)

Passei vinte anos nas prisões do Vietname. Quatro em isolamento. Proibiram-me a caneta, o papel, os livros. Para me animar eu cantava, falava comigo próprio. Os guardas achavam que estava louco, mas eu dizia-lhes que louco ficava eu se não falasse comigo mesmo. Fazia por imaginar que a cela era a minha casa, como se tivesse abraçado a vida religiosa, como um monge. A meditação zen ajudava – uma pessoa volta-se para dentro de si. E em segredo consegui escrever um relatório sobre as condições lá dentro. Achei que se me calasse, na prisão, quem ganhava eram os ditadores. Queria provar que não se pode calar pela força quem não está de acordo.

Continuei a lutar, até de dentro das paredes da prisão. Se não o fizermos nós, quem então?

TERCEIRA VOZ (MASC.)

O meu nome é Abubacar Sultan.

COM UM GESTO DO HOMEM, O NOME (OU A IMAGEM DE)

ABUBACAR SULTAN SURGE NO ECRÃ.

Quando a guerra estalou, em Moçambique, decidi que tinha de fazer alguma coisa pelos meninos-soldados. Houve um rapazito de sete anos que mudou a minha vida. Estava completamente fora do mundo. Tanto andava calmo como se punha a chorar o dia inteiro. Contou que vivia com a família até que, uma noite, um bando de soldados rebeldes o acordou, espancou e forçou a pôr fogo à cabana onde viviam os pais. E quando a família tentou fugir da cabana, foi abatida a tiro e esquartejada à frente dele. Nunca hei-de esquecer os sentimentos que lhe iam na alma, porque de certa maneira deixou que eu entrasse dentro dele. A maioria desses miúdos andava na linha da frente, por isso era para aí que íamos todos os dias, para as zonas de guerra. Em várias ocasiões, por pouco não nos abateram. Mas não parei. A explicação pode estar, em parte, na religião (sou muçulmano praticante). Mas há muitos outros como eu e que no entanto nunca pensaram fazer o que eu fiz. Deve ser qualquer coisa de mais profundo, talvez uma espécie de dom.

PRIMEIRA VOZ (MASC.)

Entra-se no corredor da morte...

QUARTA VOZ (FEM.)

Quero libertar-me destas recordações. O meu nome é Dianna Ortiz.

Quero voltar a acreditar, a confiar e a ir à aventura, sem cuidar de preocupações, como quando cheguei às terras altas do Oeste da Guatemala, em 1987, vinda dos Estados Unidos, uma americana cheia de vontade de ensinar as crianças indígenas a ler e escrever em espanhol e na língua nativa e a entender a *Bíblia* na cultura delas. Mas no dia 2 de novembro de 1989 a Dianna Ortiz que acabo de retratar deixou de existir. Agora, neste momento, mal consigo recordar a vida que tinha antes de ser raptada, aos trinta e nove anos. Pode parecer estranho, mas ainda agora sinto a presença daqueles que me torturaram, sinto-lhes o cheiro, ouço-os a sibilar-me ao ouvido. Isso recordo. O tal polícia violou-me outra vez. Depois depositaram-me no fundo de um poço cheio de corpos – crianças, homens, mulheres, decapitados alguns, todos recobertos de sangue seco. Alguns ainda vivos. Ouvia-lhes os gemidos. Alguém chorava. Eu não sabia se era meu ou de quem era aquele choro.

PAUSA

Os homens que me torturaram nunca foram chamados a prestar contas à justiça. O americano encarregado das torturas a que fui sujeita nunca foi chamado a prestar contas à justiça. Daí que eu, agora, saiba o que poucos Americanos sabem: sei o que é ser um civil inocente e ver-se acusado, interrogado e torturado. Sei o que é ver o meu próprio governo fazer orelhas moucas aos meus apelos por justiça e deliberadamente destruir-me a reputação porque o meu caso lhe causa embaraço político. Eu sei o que é ficar na escuridão à espera da tortura e o que é ficar na escuridão à espera da verdade. E à espera continuo.

HOMEM

Portanto ela não pode dizer que não se mete nisto de olhos abertos, que não a avisámos. Não pode dizer que não sabe.

TERCEIRA VOZ (MASC.)

Uma noite, depois de ter fugido para o Uganda, cinco pessoas, de cara tapada, raptaram-me e levaram-me para o Quénia. Acordei num mar de água. Estava nu e tinha passado a noite toda nessa cave. Ali me deixaram, naquela água, cerca de um mês. Ora faziam a água gelar, até uma pessoa tremer descontroladamente de tão fria que ela ficava, ora a aqueciam tanto que sufocava. Interrogavam-me durante o dia. Ameaçavam-me que me atiravam do telhado.

MULHER

Mentira. Nunca ameaçámos atirá-lo do telhado. Koigi Wa Wamwere está a mentir. É isso.

HOMEM

É isso. Mentiu a respeito do tratamento dos trabalhadores florestais do Quénia. E mentiu naquilo que

escreveu sobre a corrupção das empresas controladas pelo Estado queniano.

MULHER

Ele farta-se de mentir. Devíamos era tê-lo mesmo atirado do telhado.

TERCEIRA VOZ (MASC.)

Estar na prisão custa, mas sobreviver à prisão não requer tanta coragem como a que é necessária ao vir cá para fora para continuar o que se deixou a meio, sabendo que para lá se pode voltar. E eu cá fui continuando. Cá fui continuando.

SEXTA VOZ (FEM.)

Cá fomos continuando todos.

*COM UM GESTO DO HOMEM, O NOME (OU A IMAGEM DE)
HINA JILANI SURGE.*

As pequenas vitórias valem muito. Podem ser poucas e raras, mas o importante é o que elas significam. Sentimos que alguma coisa existe, uma luz no fundo do túnel. E nós vimos essa luz muitas vezes.

HOMEM

Advogada paquistanesa, esta Hina Jilani.

MULHER

E como se já não bastasse termos a Hina Jilani, ainda havia a irmã. Também do Paquistão, também advogada, a irmã, uma tal Asma Jahangir.

OITAVA VOZ (FEM.)

Os meus filhos andam muito preocupados com as ameaças de morte de que sou alvo. Tive de os sentar à minha volta e explicar-lhes, às vezes até brincando. "Pronto, o que eu vou então é tratar de fazer um seguro, e assim quando morrer vocês ficam todos ricos." Mas eu sei que as nossas famílias podem vir a ter de pagar o preço do nosso comprometimento, tal qual como nós. Tal qual como nós.

QUARTA VOZ (FEM.)

O telefone tocou e a voz, o homem, disse: "Eu sei quem tu és. Sei o teu nome. Sei onde estás. Sei onde moras. E vou aí com uns gajos matar-te."

HOMEM

Eu sei o teu nome, Marina Pisklakova. Sei onde moras, ó Marina, Marina minha. Vou matar-te, Marina

Pisklakova.

QUARTA VOZ (FEM.)

Criei a primeira linha de emergência para as vítimas de violência doméstica na Rússia. Em 1993, e quase por acaso. A mãe de um colega de escola do meu filho pediu-me conselho. Caiu um botão do fato do marido, e como ela não tratou logo de o coser, ele pegou num sapato e bateu-lhe com ele na cara. Durante duas semanas ela não pôde sair à rua. Um dia ao fim da tarde falou comigo, muito aflita, metade da cara negra e roxa. Perguntei-lhe, "Porque não o deixa?" E ela, "E para onde hei de eu ir, Marina? Eu dependo totalmente dele." Então pensei que devia encaminhá-la para alguém. Mas não havia para onde ir, nem ninguém que pudesse valer. Por isso criei a linha de emergência. A seguir lançámos um programa de formação de advogados para situações de abuso doméstico.

SEGUNDA VOZ (FEM.)

O meu nome é Rana Hussein. Em nome da honra, uma jovem de dezasseis anos foi morta pela família aqui na Jordânia por ter sido violada pelo irmão. Ao investigar o crime, tive um encontro com os dois tios. Que culpa tinha ela de ter sido violada? Porque é que a família não castigava o irmão? Responderam que ela é que tinha seduzido o irmão.

HOMEM

Foi ela que seduziu o irmão, dissemos nós à jornalista Rana Hussein.

SEGUNDA VOZ (FEM.)

Perguntei-lhes por que razão é que, com milhões de homens por aí, a rapariga logo havia de ir seduzir o irmão. Eles limitaram-se a repetir que ela tinha manchado a imagem da família ao cometer uma ato imoral. A única forma de reparar a honra da família era matar a jovem.

MULHER

O sangue lava a honra. Matava-se a rapariga. Era a única forma.

OITAVA VOZ (FEM.)

A média das penas de prisão para os crimes de honra são só sete meses e meio. Mas é importante ter presente que aqueles que matam também são vítimas. Se não matarem, tornam-se responsáveis pela desonra da família. Se matarem, são heróis.

QUINTA VOZ (MASC.)

Muitos daqueles que mais sofreram, na África do Sul, conseguiram perdoar – gente que seria de esperar que estivesse consumida pelo azedume, pela sede de vingança. Tivemos uma sessão aberta da Comissão da Verdade e Reconciliação, a abarrotar de gente que tinha perdido os seus entes queridos, vítimas de massacres. Foram chamados quatro agentes da autoridade, um branco e três

negros. O branco disse: "Fomos nós que demos voz de fogo aos soldados" – a tensão na sala, de tão palpável, era de cortar à faca. A seguir virou-se para a plateia e disse, "Perdoai-nos, por favor. E por favor deixai estes homens, estes meus colegas, reintegrar-se na comunidade." Aquela mesma plateia enfurecida irrompeu então num aplauso ensurdecedor. E eu disse, "Façamos silêncio, porque estamos na presença de qualquer coisa de sagrado".

PAUSA

O meu nome é Desmond Tutu.

Fiz o que tinha de fazer. Ou isso, ou ficar para sempre com um amargo na boca. Seria viver uma mentira. Eu podia ter tido uma posição de menos destaque na luta. Mas Deus agarrou-me, como se costuma dizer, pelo cachaço, como ao profeta Jeremias. O meu Deus não é dos que diz, "Ah-ha, apanhei-te!" Não, Deus diz, "Levanta-te." E Deus sacode-nos o pó e diz, "Tenta outra vez." Diz Deus, "Tenta outra vez."

SEXTA VOZ (FEM.)

Porque alguma coisa existe

Uma luz existe

Uma luz no fundo do túnel.

PRIMEIRA VOZ (MASC.)

O meu nome é Muhammad Yunus. Criei o programa Grameen de acesso ao crédito para os pobres. Os entendidos dizem que o desenvolvimento implica empréstimos de muitos milhões em grandes projetos de infraestruturas. Mas eu trabalho com gente concreta no mundo concreto. Uma mulher, na véspera de receber do banco os trinta e cinco dólares a que se candidatou, dá voltas e voltas na cama com dúvidas sobre se irá conseguir pagar o empréstimo. Depois, segura nas notas com as mãos, a tremer, as lágrimas rolam-lhe pela cara abaixo e nem quer acreditar que lhe tenham confiado tanto dinheiro. Trinta e cinco dólares! E vai à luta para conseguir pagar a primeira prestação, e depois a segunda, e assim por diante durante cinquenta semanas a fio, e de cada vez se sente mais valente. E quando paga a última, ela quer comemorar. Não foi só uma transação financeira que se cumpriu. É que ela achava que não era ninguém, e de facto não existia. Agora sente-se a ponto de se erguer de pé e desafiar o mundo inteiro, gritando, "Eu sou capaz, eu aguento-me sozinha."

OITAVA VOZ (FEM.)

A coragem começa com uma só voz.

O meu nome é Juliana Dogbadzi.

COM UM GESTO DO HOMEM, O NOME (OU A IMAGEM DE)

JULIANA DOGBADZI SURGE NO ECRÃ.

Sou do Gana. Quando tinha dez anos, os meus pais mandaram-me para um santuário onde fui escrava de um sacerdote-feiticeiro durante dezassete anos. Disseram-me que o meu avô tinha roubado dois dólares, e quando pessoas da nossa família começaram a morrer, um adivinho disse que a família tinha de entregar uma rapariga ao santuário, para aplacar os deuses.

SEGUNDA VOZ (FEM.)

Éramos doze, quatro mulheres e oito crianças, a viver numa cabana coberta de colmo, com uma única dependência. Sem portas nem janelas. Entrava chuva. Entravam cobras. O teto era baixo, pouco acima da cabeça, e dormíamos sobre um tapete no chão. O dia-a-dia do santuário era: levantar às cinco da manhã, ir ao ribeiro (longe que se fartava) buscar água para o complexo, varrer, cozinhar para o sacerdote (mas sem poder comer nada), ir para a quinta, trabalhar até às seis, e regressar para dormir depois de esgaravatar uns restos de comida. À noite o sacerdote chamava uma de nós para ir ter com ele ao quarto.

OITAVA VOZ (FEM.)

Eu tinha doze anos quando fui violada pela primeira vez. Tinha de fazer alguma coisa para mudar a minha vida, até que um dia apareceu uma oportunidade. Não sei de onde veio aquela confiança, assim de repente, mas todo o medo que sentia desapareceu. Com o bebé recém-nascido amarrado às costas e a minha mais velhinha, a Wonder, pela mão, fugi para o mato.

Agora que consegui fugir, ajudo a minorar os medos das mulheres contando-lhes a minha história. O que eu faço é perigoso, mas estou disposta a morrer por uma causa que é boa. Foi esta a minha arma. É esta ainda a minha arma.

SÉTIMA VOZ (MASC.)

O meu nome é Elie Wiesel. Gosto dos fracos e dos pequenos. É por isso que em todos os meus livros há sempre uma criança, há sempre um velho, sempre. Por serem tão desprezados pelo Estado e pela sociedade. Eu então dou-lhes abrigo. Penso nas crianças de hoje que precisam das nossas vozes. Tenho uma dívida para com aqueles que ficaram para trás. E espero que o meu passado não venha a ser o futuro dos vossos filhos.

PRIMEIRA VOZ (MASC.)

O meu nome é Gabor Gombos.

COM UM GESTO DO HOMEM, O NOME (OU A IMAGEM DE)

GABOR GOMBOS SURGE NO ECRÃ.

Sou húngaro. Um dia, no exercício da minha profissão, visitei uma certa instituição. Deparei com um

homem relativamente jovem, com deficiência mental profunda, fechado numa jaula. Perguntámos ao pessoal quanto tempo é que ele lá passava. Responderam que o dia todo, exceto a meia hora em que um funcionário se ocupava dele. E eu perguntei-lhes, porque mantêm esta pessoa metida numa jaula?

SEGUNDA VOZ (FEM.)

Precisavam de uma voz. Eu fui essa voz.

TERCEIRA VOZ (MASC.)

Dispúnhamos de alguma proteção. Tivesse o risco sido maior, e eu não garanto que tivesse agido como agi. Não me acho especialmente valente por natureza. Pelo contrário, sou bastante normal e procuro evitar o perigo sempre que posso. No fundo, alguma valentia de que tenha dado mostras terá sido mera demonstração de como aprender a viver com medos. Passado um tempo já nem me apercebia do perigo, da mesma forma que um cirurgião se acostuma a ver sangue.

HOMEM

José Zalaquett. Sim. Claro. O advogado chileno que organizou a defesa dos prisioneiros, depois do golpe. O advogado que foi aos campos de concentração aonde ninguém conseguia ir.

MULHER

O advogado que metemos na cadeia duas vezes. O Zalaquett. Como aquele advogado argentino, o Juan Méndez – queria encontrar os *desaparecidos*.

HOMEM

Nós é que o desaparecemos durante uns dias, para ele saber como é, dar-lhe a provar, cinco sessões por dia com ele, só para provar o gostinho.

MULHER

Ai, os advogados! Como a – como é que era o nome dela? – a Patria Jiménez, aquela advogada lésbica do México, que foi eleita para o Congresso. Ou como aquela da Bielorrússia, a Vera Stremkovskaya – que acha que a coragem é como uma corda metálica cá dentro.

HOMEM

Como uma corda metálica cá dentro. Isso. Que pavor eles têm!

MULHER

Isso, pavor. Como aquele também...

QUINTA VOZ (MASC.)

Envolvei-me na luta, na Irlanda do Norte, tinha eu doze anos. Vieram bater à porta da nossa casa e

disseram, "Martin O' Brien, queres vir a uma marcha pacífica de manifestação contra a violência? E eu disse que ia. Lembro-me de sentir medo. Mas a pior coisa que há é a apatia – deixarmo-nos ficar sentados perante a injustiça, sem nada fazer. Para isso, melhor seria morrer cedo.

COM UM GESTO DA MULHER, O NOME (OU A IMAGEM DE)

FAUZIYA KASSINJA SURGE NO ECRÃ.

SEXTA VOZ (FEM.)

Não queria. Não queria casar-me com aquele homem. Eu tinha dezassete anos, ele quarenta e cinco e já era casado com três mulheres. Mas a minha tia disse, "Eu sei que não o amas agora, mas depois da kakiya vais aprender a amá-lo. A kakiya vai ser amanhã." Mas com a ajuda da minha irmã fugi do Togo e consegui chegar aos Estados Unidos, com um passaporte falso. No aeroporto de Newark disse à funcionária da imigração que pretendia asilo. Contei-lhe tudo. Bem, tudo não, porque dá vergonha. Não lhe falei da kakiya porque achei que se calhar ela não ia entender. Ao juiz é que cabia decidir, disse ela, se me davam asilo ou não, portanto vais para a prisão. Puseram-me grilhetas. No centro de detenção de Nova Jérсия conheci a Cecelia Jeffrey, prisioneira também. Tratou-me como uma filha. Na hora de me deitar, ela vinha ajeitar os cobertores. Quando adoeci a sério e não me deram remédios, pensei, "Sé é para morrer, porque não volto para a minha terra?" E a Cecilia disse: "Estás louca, Fauziya? Fazes ideia do que te espera lá? Tu fazes alguma ideia?"

QUARTA VOZ (FEM.)

Até em tempos de escuridão, até em tempos da maior escuridão, houve quem se erguesse para proteger os outros. Houve uma pessoa pelo menos que se ergueu para proteger os outros. Que se diga que em tempos destes houve uma pessoa pelo menos que se ergueu para proteger os outros.

SEXTA VOZ (FEM.)

"Estás louca, Fauziya?", disse a Cecilia. Queres voltar para o Togo? No dia seguinte, no duche, chamou-me. De pé, afastou as pernas e disse, "Vê. É para isto que tu queres voltar?" Eu não percebi para onde estava a olhar. "Sabes o que é isto?" Eu não entendia. Não tinha nada aspeto de uma vagina. Nada. Tudo liso como a palma da minha mão. E a única coisa que dava para distinguir era uma cicatriz, uma costura. E um buraco pequeno. Só isso, sem lábios, nada. Kakiya. E eu, "Tu vives assim?" "Toda a minha vida", respondeu. "Choro sempre que me vejo. Choro por dentro. Sinto-me fraca, vencida, sempre, sempre". E eu olhei para ela e vi a mulher mais forte do mundo. Por fora ninguém diz o que ela sofre. É a pessoa mais carinhosa que conheci. Foi ela que me fez ficar. Fez-me ficar e ganhar a causa.

QUARTA VOZ (FEM.)

"Poucas e raras".

Vimos essa luz muitas vezes.

HOMEM

"Será? Será que viram mesmo essa luz muitas vezes? Quantas luzes é que viram mesmo? Quantas vidas salvaram mesmo? Poucas e raras, e eles bem sabem: o que é entrar no corredor da morte.

MULHER

É disto é que eles têm mesmo medo: que ninguém se importe, que as pessoas esqueçam, que continuem a ver televisão e que digam que estes problemas não têm a ver com elas e que a seguir vão é jantar e para a caminha. As pessoas vão para a caminha.

HOMEM

As pessoas vão para a caminha. Uma coisa eles sabem, e é do que têm medo. Sabem que três mil milhões de pessoas vivem na pobreza e que quarenta mil crianças morrem todos os dias de doenças que podiam ser evitadas.

MULHER

Sabem que as três pessoas mais ricas do mundo...

HOMEM

... possuem uma riqueza superior à soma do produto interno bruto dos quarenta e oito países mais pobres. E isso não vai mudar salvando uma vida, e depois outra, e depois mais outra. Nada há de mudar nunca. É disso que eles têm medo: que ninguém se importe absolutamente nada.

PRIMEIRA VOZ (MASC.)

O meu nome é Óscar Arias Sánchez. E eu importo-me.

COM UM GESTO DA MULHER, O NOME (OU A IMAGEM DE)

OSCAR ARIAS SANCHEZ SURGE NO ECRÃ.

Os gastos militares não são um simples excesso de consumo; pelo contrário, representam uma enorme perversão da nossa civilização: 780 mil milhões de dólares investidos anualmente em instrumentos de morte, em metralhadoras e aviões de guerra concebidos para matar gente, quando podiam ser gastos em desenvolvimento humano. Se canalizássemos uns meros 5% de todos esses milhões para programas contra a pobreza, a totalidade da população do planeta ia poder beneficiar de serviços sociais elementares. Os pobres deste mundo clamam por escolas e por médicos, não por armas e generais.

HOMEM

Sim. Os pobres deste mundo clamam, claro. Mas quem é que se importa?

MULHER

Quem é que se importa?

TERCEIRA VOZ (MASC.)

Naquela época, fiquei na selva a testemunhar a vida terrível dos aldeões birmaneses.

COM UM GESTO DO HOMEM, O NOME (OU A IMAGEM DE)

KA HSAW WA SURGE NO ECRÃ.

Pela manhã, os aldeões pegavam em enxadas e cestos e eram obrigados a ir trabalhar para os militares. Não recebiam qualquer paga. Uma mãe com quem falei disse-me que o filho se tinha suicidado porque um bando de soldados o tinha obrigado a ter relações com ela. O filho matou-se por vergonha. No início nem caneta ou papel eu tinha. Os membros da resistência explicaram-me que incidentes desses estavam constantemente a acontecer e que ninguém se importava e que eu devia era pegar em armas e combater. Mas eu achei melhor continuar a trabalhar nos depoimentos, ir absorvendo as histórias o melhor que pudesse. Nos montes o frio era muito e para nos cobrirmos só tínhamos de plástico. Suspendíamos a rede acima do chão para evitar as sanguessugas, mas de manhã víamos que elas tinham caído das árvores e nos tinham sugado o sangue. Uma vez, estávamos sem gota de água e já andávamos a comer arroz cru, até me quis matar. Mas continuámos a recolher os relatos. Até que numa ocasião conhecemos uma mulher, francesa, que nos deu dinheiro para papel e correio. Fiquei tão contente por finalmente podermos fazer qualquer coisa. Mas um dia fui a outra organização de direitos humanos, que trabalhava noutra área. E ali, no lixo, encontrei o documento em que tanto tínhamos trabalhado. Tinha sido tão difícil conseguir mandar pelo correio aquele pedaço de papel a documentar o sofrimento daquela gente, para acabar assim amarfanhado e deitado fora.

HOMEM

Ka Hsaw Wa. Da Birmânia. Sim. Ficou destroçado, sim. Mas nós tínhamo-lo avisado que era inútil.

MULHER

Tínhamo-lo avisado. Tínhamo-lo avisado que estava a desperdiçar a vida dele. Que ninguém dava ouvidos e ninguém se importava.

SEGUNDA VOZ (FEM.)

No Quénia muitas mulheres não tinham lenha. Também tinham necessidade de frutos para combater a subnutrição, e de água potável, mas os pesticidas e herbicidas usados nas culturas poluíam a água. Nós incentivámo-las a plantar árvores. Recolhíamos sementes das árvores, depois vínhamos e plantávamos como as mulheres faziam com as outras sementes. O método é assim: pega-se num

vaso, mete-se lá a terra e metem-se as sementes. Põe-se o vaso numa posição elevada, para as galinhas e as cabras não comerem as sementinhas. Plantámos mais de vinte milhões de árvores só no Quénia. O Movimento Cinturão Verde lançou programas em cerca de vinte países.

COM UM GESTO DA MULHER, O NOME (OU A IMAGEM DE)

WANGARI MAATHAI SURGE NO ECRÃ.

SEGUNDA VOZ (FEM.)

Isso não nos tornou populares aos olhos de quem mandava. Dirigiram-nos ataques, atacaram-me a mim. Mas felizmente tenho a pele dura como a do elefante. O meu nome é Wangari Maathai.

PRIMEIRA VOZ (MASC.)

O meu nome é Kailash Satyarthi.

COM UM GESTO DO HOMEM, O NOME (OU A IMAGEM DE)

KAILASH SATYARTHI SURGE NO ECRÃ.

Quando tinha aí uns cinco, seis anos, no meu primeiro dia de escola passei por um sapateiro que estava com o filho, sentados ambos na soleira da porta da escola, a escovar e engraxar os sapatos das crianças, e à entrada para a aula o ambiente era de alegria e felicidade. Com os meus livros novos em folha, pasta nova, roupa nova, bata nova, tudo novo, olhei para aquele menino e detive-me um pedaço porque na minha experiência, ou no meu consciente, era o primeiro encontro do género, então dei comigo a pensar, porque é que um menino da minha idade está aqui sentado a engraxar os sapatos de crianças como eu, enquanto eu vou para a escola? Deu-me vontade de perguntar ao menino, mas não tive coragem, e quando entrei para a sala o professor deu-me as boas vindas, mas não fiz a pergunta, embora o meu coração continuasse a dizer-me que a devia fazer, mas ao cabo de umas duas horas lá arranjei coragem e perguntei, senhor professor, queria saber porque é que aquele menino, da mesma idade que eu, está ali, logo à entrada da porta, a escovar sapatos? O professor olhou-me de uma forma estranha e disse, "Que pergunta é essa? vieste para cá foi para estudar, não para estar com perguntas dessas, coisas que não têm interesse nem são da tua conta." A resposta irritou-me. Achei que devia fazer as perguntas à minha mãe ao chegar a casa, e assim fiz, e ela disse, "Não sabias? Há muitas crianças que trabalham. É o destino delas. É gente pobre. Têm de trabalhar." Disseram-me que não me preocupasse. Mas um dia fui ter com o pai sapateiro e disse-lhe, "Tenho reparado no seu filho todos os dias e tenho uma pergunta. Porque não o põe na escola?" O pai fitou-me e durante uns minutos não conseguiu dizer nada. Depois, falando devagar, respondeu, "Sou intocável, e nós, os intocáveis, nascemos para trabalhar." Eu não entendia porque é que algumas pessoas nascem para trabalhar e outras, como nós, nascem para andar a estudar. De onde é que sai uma coisa dessas? Isso deu-me um espírito um bocado rebelde, porque não havia ninguém que tivesse resposta. A quem mais havia eu de perguntar? O professor não tinha resposta. Ninguém me

dava uma boa resposta. Carreguei isso no coração durante anos. Finalmente, estou agora a fazer alguma coisa. Só na Índia há cinco milhões de crianças que nascem escravas. Crianças de seis, sete anos, obrigadas a trabalhar catorze horas por dia. Se choram pelos pais, são espancadas e, às vezes, penduradas das árvores, de cabeça para baixo, e marcadas ou queimadas com cigarros. E o número de crianças não para de aumentar – como as exportações. Se as exportações de tapetes aumentam, lá aumentam também as crianças mantidas em servidão. Daí as nossas campanhas dirigidas ao consumidor. E as ações diretas: incursões secretas para libertar essas crianças e devolvê-las às famílias. Mas libertá-las é só o começo do muito trabalho que há por fazer.

SÉTIMA VOZ (MASC.)

Foi muitíssimo difícil fazer ouvir a nossa voz. Nós, Palestínianos...

*COM UM GESTO DO HOMEM, O NOME (OU A IMAGEM DE)
RAJI SOURANI APPEARS SURGE NO ECRÃ.*

... somos um povo quase esquecido, votado a uma existência de segunda classe. Ninguém como os oprimidos precisa de paz – de uma paz justa. Sou natural de Gaza. Comecei a combater pela paz era ainda muito jovem. Uma pessoa olha para o inferno que é o nosso dia-a-dia e pergunta: porque é que tamanhas injustiças acontecem? porque foi demolida a casa do nosso vizinho? porque foi preso o meu irmão? E depois tenho de falar da tortura, não consigo deixar de falar da tortura. Temos de ter uma só bitola para todos, Israelitas e Palestínianos. Porque toda a vida humana é sagrada, seja qual for a nacionalidade, raça ou religião.

QUINTA VOZ (MASC.)

Aqueles desaparecimentos todos, eram camponeses.

*COM UM GESTO DO HOMEM, O NOME (OU A IMAGEM DE)
FRANCISCO SOBERON SURGE NO ECRÃ.*

Camponeses dos Andes, que têm por língua principal o Quechua e não o Espanhol. Vistos como cidadãos de segunda, e por isso nunca lhes foi dada grande atenção.

QUINTA VOZ (MASC.)

Nada pior, para quem está na prisão, do que sentir que foi esquecido ou esquecida. E geralmente o algoz utiliza esse argumento para vergar o prisioneiro, dizendo, pois é, estás a ver?, ninguém se importa.

MULHER

Nós dissemos-lhe. Dissemos-lhe que ninguém se importa.

SÉTIMA VOZ (MASC.)

Durante o primeiro ano da primeira vez que estive preso, na China, chorava quase todos os dias. Sentia a falta da família, principalmente da minha mãe, que se tinha suicidado por eu estar preso. Católico como era, eu rezava. Mas ao fim de dois anos já não tinha lágrimas. A vida só nos pertence uma vez. Acabaram por me vergar. Depois, já no exílio, as pessoas diziam que Harry Wu era um herói.

COM UM GESTO DA MULHER, O NOME (OU A IMAGEM DE) HARRY WU SURGE NO ECRÃ.

Mas um herói já estava mas é morto. Se eu fosse um herói a sério, como aquela gente que conheci nos campos de prisioneiros, tinha posto fim à vida. Agora quero ver a palavra laogai inscrita em todos os dicionários. "Lao" quer dizer trabalho e "gai" quer dizer reforma. Eles reformam uma pessoa. Antes de 1974, gulag não era uma palavra. Hoje, é. Temos então de denunciar a palavra laogai: Em quanto vai o número de vítimas? Em que condições são mantidos os presos? Quero consciencializar as pessoas. Consciencializá-las dos produtos feitos na China com o trabalho dos presos: os brinquedos, as bolas de futebol, as luvas cirúrgicas. Quero consciencializá-las de que hoje em dia os Chineses ganharam o direito a escolher entre diferentes marcas de champô mas ainda não podem dizer o que gostariam, na verdade, de dizer.

COM UM GESTO DO HOMEM, O NOME (OU A IMAGEM DE) ZBIGNIEW BUJAK SURGE NO ECRÃ.

TERCEIRA VOZ (MASC.)

Estar sempre um passo à frente da Polícia Secreta, era o que nós tínhamos de fazer para sobreviver. No Solidariedade ninguém mais sabia onde vivíamos ou quem fazia o trabalho de organização. Todos os meses tínhamos de mudar de casa, de aparência, arranjar um disfarce novo. Depositámos a nossa confiança em absolutos estranhos. A recompensa, para quem nos entregasse, era enorme: vinte mil dólares e um visto de saída permanente para viver fora da Polónia. E só por uma vez alguém foi traído.

SÉTIMA VOZ (MASC.)

Depositámos a nossa confiança em estranhos. E só por uma vez alguém foi traído.

QUINTA VOZ

Não temos o direito de perder a esperança.

O meu nome é Bobby Muller.

*COM UM GESTO DO HOMEM, O NOME (OU A IMAGEM DE)
BOBBY MULLER SURGE NO ECRÃ.*

Uma coisa que me chateava a sério, quando nos foi atribuído o Prémio Nobel pelo trabalho para a erradicação das minas antipessoais, era a aura romântica dada pelos meios de comunicação, para fazer as pessoas sentir-se bem – sentir-se contagiadas. Uma trampa, mas é. As pessoas pensam que, lá por haver um tratado internacional, acabou, está terminada a tarefa. Vejam, nós levamos as nossas vidas, em grande parte, sem conhecer as profundezas do desespero, da dor e da angústia. É por isso que dou tanto valor a criar leis e torná-las realidade – por acreditar que não se pode tolerar os genocídios, os Cambodjas e os Ruandas deste mundo. Caso contrário, permite-se que germine a destruição. E, um dia, toda essa loucura sobe a rua e vem bater-nos à porta.

QUARTA VOZ (FEM.)

Eu quis colher flores do jardim para oferecê-las às crianças.

*COM UM GESTO DA MULHER, O NOME (OU A IMAGEM DE)
SENHAL SAHIRAN SURGE NO ECRÃ.*

Para as crianças prisioneiras da Turquia, detidas sem acusação há anos. Flores para elas. Quis fazer com que aquelas crianças se sentissem perto da natureza. Quis fazer com que se sentissem menos sós.

QUINTA VOZ (MASC.)

O meu nome é Van Jones.

*COM UM GESTO DO HOMEM, O NOME (OU A IMAGEM DE)
VAN JONES SURGE NO ECRÃ.*

A nossa organização denuncia as violações dos direitos humanos, principalmente a brutalidade policial, aqui nos Estados Unidos. Crianças que voltam para casa com um braço partido, com uma fratura no queixo, os dentes feitos em pedaços. Ou um menor mantido na cadeia sem acusação durante quatro ou cinco dias. Miúdos que levam no rosto com gás pimenta – uma resina que se cola à pele e arde sem parar até desaparecer. Quer dizer, não é assim que este mundo vai ficar mais seguro. Também não fica mais fácil a tarefa das forças da ordem. É a isto que Police Watch está a tentar pôr termo.

SÉTIMA VOZ (MASC.)

O meu nome é Bruce Harris.

COM UM GESTO DO HOMEM, O NOME (OU A IMAGEM DE)

BRUCE HARRIS SURGE NO ECRÃ.

O que temos vindo a tentar fazer na Casa Alianza, na Guatemala, é devolver a infância às crianças – se é que ainda vamos a tempo. Começámos por oferecer só comida e abrigo – mas foi muita ingenuidade da nossa parte. Penso muitas vezes num padre brasileiro que dizia, “Quando dou de comer a quem tem fome, chamam-me herói; quando pergunto porque têm fome, chamam-me comunista.” Dar de comer a quem tem fome é uma tarefa nobre, mas enquanto organização fomos evoluindo, e agora perguntamos o porquê de terem fome as crianças e de serem vítimas de maus tratos e de assassínios, o porquê de a polícia andar a matar as crianças da rua. Passado pouco tempo, começámos a receber telefonemas com ameaças de morte. Até que um dia... um BMW sem matrícula e de vidros espelhados veio aqui ao nosso centro de crise, a Casa da Aliança, bem no centro da cidade de Guatemala. Três homens perguntaram por mim pelo nome, “O Bruce Harris está? Viemos para o matar.” Abriram fogo de metralhadora. Quando chegou, a polícia levou as balas todas. Levou as provas todas que havia. Quando souberam do incidente em Nova Iorque, na sede da Casa Aliança, mandaram-me um colete à prova de bala. Vinha com uma garantia de devolução integral do dinheiro, no caso de não funcionar!

PRIMEIRA VOZ (MASC.)

Sou advogado.

COM UM GESTO DA MULHER, O NOME (OU A IMAGEM DE)

SEZGIN TURIKULU SURGE NO ECRÃ.

Quando estou no tribunal, aqui na Turquia, olhos nos olhos com pessoas a quem estou a acusar de tortura, quando me fitam de frente e eu não desvio o olhar, quando me fitam de frente e eu não desvio o olhar, quando me fitam de frente e eu não desvio o olhar, sinto que tenho mais coragem do que eles. É evidente que me seguiram, como faziam todas as manhãs, desde o momento em que pus o pé fora de casa. A única coisa a fazer é mesmo ver o lado cómico da situação. Quando alguém é assassinado, a maior parte das vezes é com um tiro disparado por trás. Lá na nossa organização de direitos humanos já brincávamos com a ideia de pôr um retrovisor no ombro, para ver se vinha alguém por trás matar-nos!

SEXTA VOZ (FEM.)

Quando estava com medo, convidava os nossos amigos todos, também ativistas, e fartávamo-nos de rir. Foi graças ao sentido de humor, mais o calor humano das pessoas que me rodeavam, que consegui sobreviver. Se me tivesse deixado ficar sozinha, isolada, tinha enlouquecido.

SEGUNDA VOZ (FEM.)

Quando alguém vem ter connosco e nos diz, “Eu tinha morrido... eu tinha morrido se não tivesses

estado ao meu lado”, isso dá-nos mais energia. O meu nome é Kek Galabru e recuso-me a abandonar o Camboja.

OITAVA VOZ (FEM.) (vinda da escuridão)

O meu nome é—

PAUSA

O HOMEM FAZ O GESTO MAS NADA SURGE NO ECRÃ.

O meu nome é. . .

A MULHER FAZ O GESTO E NADA SURGE AINDA NO ECRÃ. AMBOS TENTAM MAIS UMA VEZ, E NADA. OS OUTROS ATORES RIEM. A OITAVA VOZ CONTINUA A FALAR, VINDA DA ESCURIDÃO. A LUZ QUE INCIDE SOBRE O HOMEM E A MULHER COMEÇA A DIMINUIR.

Não posso revelar o meu nome. Sou do Sudão. Em criança os meus pais ensinaram-nos a amar os outros, até os mais simples e os mais pobres. A nossa casa era uma casa cheia de vida. Havia sempre alguém que estava doente e vinha para ser tratado, ou que vinha dar à luz lá em casa. Aprendi a olhar para todos os sudaneses como família minha. No entanto não posso revelar o meu nome. Aqueles que as autoridades suspeitam de trabalhar para os direitos humanos são levados, muitas vezes torturados em casas-fantasma, os que têm sorte vão parar à prisão. Se revelasse o meu nome não ia poder cumprir a minha tarefa.

QUINTA VOZ (MASC.)

Se ela revelasse o nome não ia poder cumprir a tarefa.

A LUZ QUE INCIDE SOBRE O HOMEM E A MULHER APAGA-SE POR COMPLETO.

QUARTA VOZ (FEM.)

O meu nome é Rigoberta Menchú.

COM UM GESTO DE UM DOS ATORES, O NOME (OU A IMAGEM DE) RIGOBERTA MENCHU SURGE NO ECRÃ.

QUARTA VOZ (FEM.)

Temos de reinventar a esperança. É nossa, há de ser nossa, a última palavra.

SEGUNDA VOZ (FEM.)

Nos Estados Unidos da América a riqueza é tanta que não sabemos o que fazer com ela, no entanto permitimos que milhões de crianças passem fome e se vejam privadas de um teto e de outros bens essenciais. Numa nação abençoada por uma economia de nove biliões de dólares, a pobreza mata crianças como quem mata com uma arma, só que mais devagar. Não tenho dúvidas de que, se não salvarmos as nossas crianças, não seremos capazes de nos salvar a nós mesmos.

*COM UM GESTO DE UM DOS ATORES, O NOME (OU A IMAGEM DE)
MARIAN WRIGHT EDELMAN SURGE NO ECRÃ.*

Todos temos de abrir o envelope da alma e ler as instruções que lá vêm. E nunca ninguém disse que ia ser fácil. Não é preciso ver a escada toda para dar o primeiro passo. Quem não puder correr, caminhe, quem não puder caminhar, arraste-se, quem não puder arrastar-se, avance sem parar nunca. Avança sem parar nunca, Marian Wright Edelman, avança sem parar nunca.

SEXTA VOZ (FEM.)

O meu nome é Helen Prejean.

*COM UM GESTO DE UM DOS ATORES, O NOME (OU A IMAGEM DE)
HELEN PREJEAN SURGE NO ECRÃ.*

Quando saí da câmara de execução aonde acompanhei o Patrick, da primeira vez que presenciei a morte de um homem, vi tudo tão claro, tão claro cá por dentro. Uma coisa assim deixa uma pessoa ou paralisada, ou arrebatada. Arrebatada: aquela ideia de ressurreição da vida — vencer a morte e fazer frente ao mal. O Patrick estava morto, mas quem não tinha escolha era eu. Havia de levar as pessoas até lá, com as minhas histórias. Como não sabemos o que fazer mais, acabamos por imitar os piores comportamentos dos criminosos, quando aplicamos a pena de morte, esse ato de supremo desespero. E no entanto acredito que, se levarmos as pessoas até ao que há de melhor no seu coração, elas respondem bem.

SÉTIMA VOZ (MASC.)

Sou Wissa. O bispo Wissa, do Egito.

*COM UM GESTO DE UM DOS ATORES, O NOME (OU A IMAGEM DE)
BISHOP WISSA SURGE NO ECRÃ.*

Eis os meus filhos. Não me tratam por pai? Se vocês estivessem em vossa casa e alguém batesse nos vossos filhos, não os mandavam parar? Não os mandavam parar? Se não o fizemos nós, quem então?

PRIMEIRA VOZ (MASC.)

O meu nome é Samuel Kofi Woods. Sou da Libéria.

*COM UM GESTO DE UM DOS ATORES, O NOME (OU A IMAGEM DE)
SAMUEL KOFI WOODS SURGE NO ECRÃ.*

Entra-se no corredor da morte e sabe-se que este momento pode bem ser o último. Passei por isso. Mas quando um país se deixa consumir de tal maneira pelo mal, é difícil vislumbrar alternativas, a menos que as pessoas de convicções se ergam. Mesmo sabendo que esse momento pode bem ser o último. Se não o fizermos nós, quem então?

TERCEIRA VOZ (MASC.)

Se eu virar costas e me afastar, quem vai fazer este trabalho? Se não o fizermos nós, quem então?

SEXTA VOZ (FEM.)

Foi preciso coragem? Direi antes que foi preciso teimosia. Como uma corda metálica cá dentro.

PRIMEIRA VOZ (MASC.)

A coragem começa com uma só voz.

Se não o fizermos nós, quem então?

SILÊNCIO PROLONGADO

OITAVA VOZ (vinda da escuridão)

Se não o fizermos nós, quem então?

OITAVA VOZ EMERGE DA ESCURIDÃO.

OITAVA VOZ (FEM.)

Se não o fizermos nós, quem então?

MULHER (em tom de troça)

Se não o fizermos nós, quem então?

HOMEM

Pois. Os nomes. José Ramos Horta, de Timor Leste, mais o seu inútil Prémio Nobel, e o Dalai Lama e aquele juiz espanhol, o Baltasar Garzón, e o Freedom Neruda, o jornalista da Costa do Marfim – e logo de onde! –, e a Maria Teresa Tula...

MULHER

Maria Teresa Tula, salvadorenha, presa tantas vezes e tantas vezes ameaçada, e não havia meio de ela parar, não havia meio de parar de procurar os desaparecidos.

HOMEM

Não havia meio de ela parar ...

MULHER

... e aquela metediça da Natassa Kandic, da Sérvia, e o chato do Jaime Prieto, da Colômbia, e o Vaclav Havel e ... Tantos nomes. Nomes que jamais esquecerei, eu pelo menos.

HOMEM

Nomes que jamais esqueceremos. Outros hãode esquecer.

MULHER

Outros hãode esquecer estes nomes. Nomes que já se vão varrendo da memória. Não obstante o final em grande, triunfal e desafiador. Se não o fizemos nós, quem então? As luzes a incidir sobre eles e as palmas prestes a começar e a envolvê-los e a acariciá-los, as luzes depois a diminuir, a apagar-se uma a uma, e o público a voltar para casa, espectadores em casa, onde ligam a televisão, e um rosto distante, um destes rostos talvez, acende-se num instante de dor para logo se extinguir...

HOMEM

... e é hora de jantar e é hora outra vez de deitar, e amanhã volta-se ao que sempre foi, finalmente eles e nós outra vez...

MULHER

Eles e nós outra vez, eles e eu, eles e eu e tudo começa outra vez, sabendo que algures, para lá de nós, para lá mesmo destas pálidas luzes, estão os outros, os que nunca conheceram os holofotes e cujos nomes nem eu sei, esses dispensáveis outros, ocultos para lá das luzes, vozes jamais gravadas ou transcritas, corpos do outro lado da invisibilidade.

HOMEM

Eles e eu uma e outra vez, partilhando, nos mais profundos recantos da noite, partilhando este farrapo de certeza. A vida só nos pertence uma vez. Aqui fico, à espera, com esta minha certeza. Eu também sei esperar.

MULHER

Eu também sei esperar. Eu também sei o que é esperar na escuridão. A minha vez chega sempre.

À MEDIDA QUE OS DEFENSORES VÃO FALANDO PELA ÚLTIMA VEZ, VÃO DIMINUINDO AS LUZES QUE INCIDEM SOBRE O HOMEM E A MULHER.

PRIMEIRA VOZ (MASC.)

Não me quero armar em herói
No início nem caneta ou papel eu tinha

OITAVA VOZ (FEM.)

Mas a vida não é para se viver com medo
Melhor seria morrer cedo.
Ou isso, ou ficar para sempre com um amargo na boca
É certo e sabido

SÉTIMA VOZ (MASC.)

Alguma coisa existe
Uma luz existe
Fiz o que tinha de fazer
Disto tendo consciência, disto tendo consciência
Os pobres deste mundo clamam

É certo e sabido
Ou isso, ou ficar para sempre com um amargo na boca
É certo e sabido
Os pobres deste mundo clamam
por escolas e por médicos, não por generais e armas

QUINTA VOZ (MASC.)

Nunca estive só
É certo e sabido
Fizemos o que tínhamos de fazer, só isso

QUARTA VOZ (FEM.)

Foi preciso coragem?
Foi preciso teimosia
Teimosia
Como uma corda metálica cá dentro
A sensação de força interior como uma corda metálica cá dentro
Ou isso, ou ficar para sempre com um amargo na boca

Disto tendo consciência, disto tendo consciência
Temos uma dívida para com aqueles que ficaram para trás

TERCEIRA VOZ (MASC.)

E Deus sacode-nos o pó e diz, "Tenta outra vez."

Deus diz, "Tenta outra vez." Deus diz, A vida só nos pertence uma vez e a vez é esta. E assim cá vamos continuando disto tendo consciência, disto tendo consciência, se levarmos as pessoas até ao que há de melhor no seu coração elas respondem bem é certo e sabido nunca estivemos sós

SEGUNDA VOZ (FEM.)

E assim cá vamos continuando
à espera, à espera,
na escuridão à espera da verdade
em verdade nunca estivemos sós

PRIMEIRA VOZ (MASC.)

Não me quero armar em herói
Fiz o que tinha de fazer, só isso
Na verdade é tão simples
É certo e sabido
O trabalho mal começou.

SEGUNDA VOZ (FEM.)

Uma coisa nós sabemos.
Fizemos o que tínhamos de fazer.
O trabalho mal começou.

A ILUMINAÇÃO DOS OITO AUMENTA DE INTENSIDADE PELA ÚLTIMA VEZ, À MEDIDA QUE VAI DIMINUINDO A DO HOMEM E DA MULHER.

SUGESTÕES DE ENCENAÇÃO DO AUTOR

Esperamos que o processo de encenação desta peça convide a aprofundar o estudo sobre as vidas dos defensores dos direitos humanos em que ela se inspira, bem como dos problemas que estes vêm tentando solucionar nos seus países e a nível mundial. Recomenda-se que se procure levar aqueles que assistirem à peça ou os que a levem à cena a ler mais sobre esses temas. Estamos disponíveis para dar sugestões de leitura adicionais, suscetíveis de apoiar e incentivar esse trabalho de investigação.

Há, naturalmente, questões mais práticas a tratar no plano da encenação, e as páginas que se seguem procuram dar resposta a alguns dos eventuais dilemas e problemas com que se poderão defrontar os encenadores, atores, atrizes e demais intervenientes na produção.

Diz a verdade ao poder: Vozes do outro lado da escuridão foi escrita para dez vozes e é esse o número ideal. A peça poderá, no entanto, ser encenada com menos ou mais atores. Se forem menos, fará porventura sentido que sejam pelo menos cinco (dois defensores do sexo masculino, dois do sexo feminino, e um ator no papel de antagonista-homem). Não é absolutamente necessário, embora seja recomendável, que cada voz corresponda ao sexo do defensor – ou da defensora – dos direitos humanos a que corresponde. Numa emergência a peça poderá ser feita apenas com três atores, mas nesse caso o ritmo perde-se e de qualquer forma é uma solução que o autor não recomenda. Pelo contrário: a peça talvez ganhe muitíssimo se puder contar com dezenas de vozes e de participantes, desde que os que têm as tiradas mais longas possam também interpretar as falas mais curtas e líricas, de maneira a não se perder fluência e cadência. Caso a peça seja encenada com uma só personagem no papel do adversário/antagonista dos defensores, aquela deve ser sempre interpretada por um ator do sexo masculino (já que, historicamente, a tendência é serem homens os opressores), mas o recomendável é que estes papéis sejam mesmo desempenhados por um homem e uma mulher.

A peça requer um ecrã onde surjam os nomes e, se possível, as fotografias dos defensores. Poderão utilizar-se meios técnicos menos sofisticados: um quadro-negro para escrever os nomes, letreiros grandes que vão sendo trazidos para o palco, etc: algo que não só permita que o nome seja visível e identificado mas também faça realçar o poder do HOMEM e da MULHER (ou do SEGUNDO HOMEM) e, posteriormente, o poder dos defensores de a si mesmos se nomearem.

As histórias narradas pelos protagonistas são intrinsecamente emotivas, pelo que o desempenho não precisa de ser ostensivamente dramático (ou melodramático). Deve deixar-se que essas vozes falem, fluam de forma natural, através dos corpos dos atores e atrizes. Por outras palavras, há que evitar “viver” a história. Cada ator e atriz não está a fingir que é aquela pessoa, sendo antes e só o canal através do qual a pessoa chega ao público. Por isso é que não será boa idéia tentar imitar diferentes sotaques (asiático, africano, latino, eslavo) para acrescentar identidade às vozes.

A nossa experiência profissional em matéria de encenações mostrou-nos que a natureza das personagens Homem e Mulher carece de alguma explicitação. Foram concebidas pelo autor como uma quase mítica personificação de apóstolos dos mais variados males, que, com as suas palavras e a sua simples presença, nos lembram daquilo com que os defensores se confrontam. No início, a peça

retrata-os como sendo perigosos, no sentido do mal físico que podem infligir; a presença, sempre à espreita, do Estado e da sociedade, sempre prontos a atuar. Mas à medida que as vozes, só por si, vão mostrando que não se deixam travar por este tipo de intimidação (prisão, tortura, exílio), o Homem e a Mulher vão-se tornando algo de mais perverso e mais difusamente presente, mais familiar, mais próximo de quem faz a peça e de quem a ela assiste: as forças da indiferença e da apatia, que acabam por ser os piores inimigos da luta por um mundo melhor. E o seu ataque aos ativistas assume, então, a forma, não tanto de ameaças, como de troca e desdém. Pois se o mundo não quer saber, por que hão de estes defensores sacrificar a própria vida? Nessa medida, o Homem e a Mulher transformam-se, um tanto estranhamente, numa projeção dos medos íntimos dos próprios ativistas dos direitos humanos, das dúvidas que estes poderão deixar que se apodere das suas almas no momento de tomar uma posição.

Os nossos protagonistas têm a coragem de enfrentar a morte. A questão é saber se têm fibra (no sentido de solidariedade entre si) para fazer frente ao desencanto e à indiferença mais profundos. Aqueles que detêm o poder lá vão fazendo as declarações da praxe sobre os direitos humanos, mas no final das contas, quando é preciso algo mais do que palavras, essa inquietação teórica sobre o triste estado do mundo acaba, as mais das vezes, por não se traduzir em ação efetiva.

Daí que a peça pergunte se os homens e mulheres que enfrentam a morte física em defesa da sua causa têm coragem para enfrentar essa morte que se esconde mais fundo na alma humana e que nos torna insensíveis ao sofrimento dos outros. A peça não dá uma resposta fácil para tal dilema, antes se limita a encenar o conflito em si, devolvendo a pergunta ao público, precisamente através do Homem e da Mulher, que por isso mesmo se devem caracterizar por uma certa precisão objetiva, eivando as suas palavras de um tom simultaneamente de pesadelo e de quase coloquialidade, que parece enquadrar-se bem com o pendor lírico geral do texto, o seu ritmo, etc.

O Homem e a Mulher poderão também ser encenados de uma forma ativa. Ou seja, poderão ser mostrados a orientar os movimentos de câmaras de filmar – caso existam – ou de pessoas, ou a afixar fotografias. Será possível, por exemplo, pôr ambos a percorrer o espaço do palco enquanto as vítimas permanecem fixas, de maneira a que, quando sofrem uma “derrota” momentânea desferida pela via do humor ou da solidariedade, isso tenha uma correspondência visual. Mas no fundo esses Antagonistas não poderão ser banidos dos nossos sonhos sem que antes tenhamos banido este Homem e esta Mulher das nossas vidas, através do trabalho em prol da justiça levado a cabo no mundo quotidiano que nos rodeia no plano imediato e mediato, esse mundo que pode ser um mundo outro para todo e cada um dos seres humanos deste planeta.